



**ANSIEDADE DE SEPARAÇÃO EM FELINOS DOMÉSTICOS**  
*SEPARATION ANXIETY IN DOMESTIC CATS*

Fernanda Campedelli Machado<sup>1</sup>; Maria Eduarda Silva e Souza<sup>2</sup>; Mirella Andrade Fonseca<sup>1</sup>; Isadora Rezende Nishimura<sup>1</sup>; João Pedro Rocha Costa<sup>1</sup>; Breno Tavares Prado<sup>1</sup>; Elizângela Guedes<sup>3</sup>; Breno Henrique Alves<sup>4</sup>

**Resumo:** A relação entre humanos e felinos domésticos tornou-se cada vez mais próxima ao longo dos anos, estabelecendo vínculos afetivos que influenciam diretamente o comportamento desses animais. Embora essa conexão proporcione benefícios, a ausência do responsável pode desencadear alterações comportamentais, como a ansiedade por separação. Essa condição ainda é pouco investigada em gatos, mas pode comprometer seriamente seu bem-estar físico e emocional, sendo caracterizada por sinais como vocalizações excessivas, comportamentos destrutivos e alterações fisiológicas. Este trabalho tem como objetivo revisar a literatura sobre a ansiedade de separação em felinos, analisando os fatores que contribuem para seu desenvolvimento, as apresentações clínicas mais comuns e as formas de diagnóstico e manejo. Com esta pesquisa, espera-se promover maior compreensão sobre o comportamento felino frente à separação, oferecendo subsídios que contribuam para um manejo mais adequado por parte de responsáveis e profissionais. A identificação e o tratamento precoce dessa condição podem melhorar significativamente a qualidade de vida dos animais, além de reduzir casos de abandono e seus impactos sociais e ambientais.

**Palavras-chave:** bem-estar, comportamento animal, estresse.

**Abstract:** The relationship between humans and domestic cats has become increasingly close over the years, establishing emotional bonds that directly influence the behavior of these animals. Although this connection brings benefits, the absence of the guardian can trigger behavioral changes such as separation anxiety. This condition is still under-researched in cats but can seriously compromise their physical and emotional well-being. It is characterized by signs such as excessive vocalization, destructive behaviors, and physiological changes. This

<sup>1</sup> Discente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário do Sul de Minas - Unis-MG

<sup>2</sup> Médica Veterinária pelo Centro Universitário do Sul de Minas - Unis-MG

<sup>3</sup> Professora pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Reprodução, Sanidade e Bem-Estar Animal da Universidade Professor Edson Antônio Velano – Unifenas campus Alfenas e docente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS Varginha

<sup>4</sup> Professor do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário do Sul de Minas - Unis-MG

study aims to review the literature on separation anxiety in felines, analyzing the factors that contribute to its development, the most common clinical manifestations, and the forms of diagnosis and management. This research seeks to promote a greater understanding of feline behavior in the face of separation, providing guidance that supports more appropriate handling by both guardians and professionals. Early identification and treatment of this condition can significantly improve the animal's quality of life, while also reducing cases of abandonment and their social and environmental impacts.

**Keywords:** welfare, animal behavior, stress.

## 1 INTRODUÇÃO

A convivência entre seres humanos e animais domésticos representa uma das formas mais profundas de interação entre espécies, sendo, em alguns casos, considerada uma relação de simbiose (Rindos, 1980). É possível afirmar que a domesticação plena dos gatos só se consolidou nos últimos 200 anos. No entanto, autores apontam que *Felis silvestris catus* deve ser mais adequadamente compreendido como uma subespécie que transita entre estados de domesticação, semidomesticação e vida feral, variando conforme as condições ecológicas e culturais de diferentes tempos e regiões (Serpell, 2000).

Mesmo diante desse status intermediário no processo de domesticação, é possível observar transformações físicas e comportamentais que favoreceram o fortalecimento do vínculo entre humanos e felinos. Esse vínculo estreito, por outro lado, pode acarretar implicações negativas, especialmente quando o animal é privado da presença de seu responsável. Nesse contexto, começa-se a observar, com maior frequência, sinais compatíveis com a chamada ansiedade por separação, uma condição ainda pouco explorada em gatos, mas que pode comprometer significativamente seu bem-estar (De Souza Machado e Sant'Anna, 2017).

A ansiedade por separação é um transtorno comportamental que ocorre quando o animal é afastado de uma figura com a qual possui um forte vínculo afetivo, geralmente o próprio responsável. Essa condição compromete não apenas o bem-estar do animal, mas também a estabilidade da relação com o cuidador. O principal fator associado ao seu desenvolvimento é o medo de ficar sozinho ou distante de membros da família. Os sinais tendem a se intensificar durante a ausência do responsável e a diminuir com seu retorno. Além disso, eventos traumáticos e situações de estresse ambiental podem contribuir para a predisposição do animal a esse tipo de ansiedade (Mattioli, 2022).

Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo analisar, por meio de revisão da literatura, a manifestação da ansiedade de separação em felinos domésticos, considerando os

aspectos comportamentais, emocionais e ambientais envolvidos, com vistas à promoção do bem-estar animal.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

### **a. Comportamento Felino**

Os gatos descendem de uma espécie de hábitos solitários e, embora tenham passado por um processo de domesticação, ainda mantêm traços comportamentais herdados de seus ancestrais (Rodan, 2016). Em geral, as complicações comportamentais apresentadas por esses animais decorrem dessas particularidades ou da limitação em expressá-las, o que pode levar à manifestação de atitudes indesejadas pelos responsáveis (Bradshaw, 2018; Paz, Machado e Costa, 2017).

Os gatos apresentam características comportamentais próprias que precisam ser consideradas para um manejo adequado (Santos e Silva, 2024). Para diversos responsáveis, os meios considerados fundamentais para o bem-estar felino, resume-se em apenas a água, alimento e caixa de areia, não atentando a real necessidade desses animais, prejudicando assim sua saúde psicológica e física (Fragoso, 2021).

Certos comportamentos se desenvolvem como resultado de ameaças à segurança do animal, conflitos com outros gatos ou exposição inadequada a estímulos essenciais durante momentos de interação. Ademais, experiências desconfortáveis vivenciadas em qualquer fase da vida também podem contribuir para o surgimento desses comportamentos (Bradshaw, 2018).

Os gatos são tradicionalmente descritos como caçadores solitários que, para evitar confrontos com outros felinos, preferem manter distância (Santos e Silva, 2024). No entanto, embora sejam frequentemente classificados como uma espécie solitária, estudos demonstram que seu comportamento social pode apresentar certa flexibilidade. A depender da densidade populacional e da disponibilidade de recursos, os gatos podem viver tanto de forma isolada quanto em grupos sociais estáveis. Esses agrupamentos, formados principalmente por fêmeas, seus filhotes e machos jovens, tendem a resistir à entrada de novos indivíduos, especialmente machos adultos, que podem representar risco aos filhotes (Carvalho, Nunes e Maldonado, 2016). Além disso, demonstram uma sensibilidade elevada a mudanças no ambiente, mesmo aquelas que parecem sutis, o que pode levar à manifestação de comportamentos considerados indesejados pelos responsáveis (Santos e Silva, 2024).

É fundamental que os responsáveis compreendam que, quando o gato está tranquilo e deseja interagir, ele expressa essa intenção por meio de sinais da linguagem corporal, como o

ronronar, o piscar lento, o ato de friccionar a face, permanecer próximo e até rolar calmamente em direção à pessoa com quem está interagindo (Ellis *et al.*, 2013). Os gatos utilizam três tipos principais de vocalização para se comunicar, cada um com variações distintas. O ronronar, por exemplo, está associado à busca por contato, interação ou cuidados, embora também possa ocorrer em situações de dor ou doença. Já sons como grunhidos, rosnados, assobios, gemidos e gritos - geralmente emitidos com a boca aberta e de forma constante - estão ligados a comportamentos agressivos, incluindo conflitos (Carvalho, Nunes e Maldonado, 2016).

Alterações comportamentais, mesmo que sutis ou comuns, devem ser observadas com atenção, pois seu reconhecimento e correção são essenciais para o bem-estar animal, prevenindo sofrimento, negligência ou até eutanásia. Em ambientes coletivos, é indispensável identificar sinais de dor, estresse, medo e ansiedade, além de considerar fatores ambientais adversos, como falta de estímulo mental, isolamento social e ausência de atividade física, que podem comprometer a saúde e o bem-estar dos animais, mesmo em curto prazo (Santos, 2011; Newbury *et al.*, 2010).

Os felinos expressam alguns indicativos corporais ao se sentirem ameaçados ou com medo, alguns deles podem ser observados por meio da posição das orelhas (Figura 1), o dorso curvado, movimento da cauda (Figura 2), modificação da expressão facial e vocalização (Rodan *et al.*, 2016).

**Figura 1:** Expressão facial dos felinos demonstrada através das orelhas



**Fonte:** Santos e Silva, 2024.

**Figura 2:** Linguagem corporal dos felinos através da cauda

## LINGUAGEM DO RABO



Fonte: Santos e Silva, 2024.

### b. Estresse

Com a domesticação, os felinos habituaram-se a costumes completamente modificados frente àquele que tinham na natureza (Carramenha e Carregaro, 2012). Qualquer mudança no ambiente que suspenda o equilíbrio pode ser apontada como um impulsionador de estresse para esses animais (Squires, 2015). O estresse em felinos pode estar relacionado a várias modificações, tais como: variações ambientais, mudanças climáticas, alterações na dieta, sons intensos ou diferentes, manuseio das caixas de areia, cama, exibição a pessoas diferentes do seu convívio, outros gatos ou animais em seu território (Carramenha e Carregaro, 2012).

O estresse consiste em uma interação complexa entre respostas cognitivas, emocionais e fisiológicas, podendo ser desencadeado por uma ampla variedade de estímulos, tanto positivos quanto negativos. O estresse não se restringe a situações desafiadoras, podendo manifestar-se sempre que houver uma alteração no equilíbrio interno do animal. Embora represente uma

resposta natural e, em certos contextos, benéfica, o estresse deve ocorrer de forma pontual e controlada (Santos e Silva, 2024).

A expressão comportamental dos gatos e sua forma de interação com os humanos são determinadas, em grande parte, por três fatores principais: as condições ambientais, a personalidade do responsável e a personalidade do próprio animal. Muitos problemas comportamentais estão relacionados à falha em considerar as necessidades do gato, às mudanças no ambiente, às expectativas irreais por parte do responsável ou a uma interação inadequada entre responsável e animal (Paz, 2013).

Gatos são frequentemente considerados mais fáceis de cuidar do que cães, o que pode reduzir a motivação dos responsáveis em buscar informações adequadas sobre suas necessidades. Ainda é comum a crença, entre uma parcela significativa dos responsáveis, de que os gatos seriam incapazes de sentir ansiedade, uma emoção fortemente associada a comportamentos indesejados. Esse tipo de equívoco contribui diretamente para falhas no manejo, ao passo que responsáveis orientados sobre as expectativas comportamentais e o ambiente ideal para seus gatos tendem a enfrentar menos problemas (Bradshaw, 2018).

Grande parte dos distúrbios comportamentais em gatos parece estar associada à impossibilidade de atingir um estado de equilíbrio emocional, seja por conta de uma ameaça percebida ou real, ou ainda pela frustração em não conseguir expressar comportamentos naturais. Nesses casos, o animal entra em um estado de angústia, o que pode resultar em alterações comportamentais, como aumento da agressividade, marcação territorial por meio de urina e fezes, ou tentativa de manipular o ambiente olfativo alterando os locais de marcação. O estresse crônico pode induzir uma variedade de sinais inespecíficos, incluindo vômitos, diarreia, anorexia, febre, letargia, distúrbios do sono e inibição da escovação ou excesso de higiene (Bradshaw, 2018).

### **c. Síndrome de Ansiedade**

A ansiedade é um estado emocional caracterizado por desconforto e antecipação negativa diante de uma ameaça potencial, nem sempre evidente ou real. Quando essa resposta se manifesta de forma intensa e disfuncional, pode dar origem a transtornos como fobias e distúrbios de ansiedade, frequentemente associados a alterações cognitivas e desequilíbrios em distintas regiões cerebrais (De Souza Machado e Sant'Anna, 2017). Os distúrbios de ansiedade representam a segunda alteração comportamental mais frequentemente relatada na Austrália,

Canadá e Estados Unidos, ficando atrás apenas dos comportamentos agressivos, o que demonstra sua importância no bem-estar animal (Ogata, 2016).

A síndrome de ansiedade por separação (SAS) é uma manifestação de ansiedade patológica caracterizada por um conjunto de comportamentos que ocorrem de forma isolada ou combinada quando o animal é afastado de sua figura de apego, que pode ser tanto uma pessoa quanto outro animal. Em indivíduos afetados, o vínculo com o responsável exerce papel fundamental na preservação do equilíbrio emocional, sendo determinante para a manutenção da homeostase comportamental e fisiológica (De Souza Machado e Sant'Anna, 2017).

De acordo com Gilbert *et al* (2025), a ansiedade em gatos domésticos pode estar diretamente associada ao desenvolvimento de distúrbios inflamatórios gastrointestinais e dermatológicos. Estados persistentes de estresse e ansiedade afetam a homeostase fisiológica dos felinos, podendo desencadear alterações imunológicas e neuroendócrinas que favorecem condições como doença inflamatória intestinal e manifestações dermatológicas, a exemplo da lambedura excessiva. Esses sinais clínicos são frequentemente subestimados, mas podem representar uma via somática de expressão do sofrimento emocional do animal, evidenciando a estreita conexão entre saúde comportamental e física. Dessa forma, a identificação precoce de comportamentos ansiosos é fundamental para a prevenção de consequências clínicas mais graves.

Apesar da crescente popularização dos gatos como animais de companhia, ainda há uma notável escassez de estudos voltados ao diagnóstico da Síndrome de Ansiedade por Separação em felinos. Com isso, o diagnóstico dessa síndrome em gatos ainda enfrenta limitações importantes, especialmente pela dificuldade de aplicar métodos objetivos em ambientes domésticos (De Souza Machado *et al.*, 2020).

Até o momento, poucos estudos abordam a ansiedade por separação em gatos, sendo o trabalho de Schwartz (2002) uma das únicas pesquisas científicas com dados empíricos sobre sinais clínicos e fatores de risco da condição. Nesse estudo, foram analisados 716 gatos com problemas comportamentais, dos quais 136 foram diagnosticados com ansiedade por separação. Os sinais mais frequentes incluíram eliminação em locais inadequados (70,6%), vocalização excessiva, comportamento destrutivo e autolimpeza compulsiva. Outros estudos destacaram que a micção fora da caixa de areia pode ser o único sinal clínico presente em gatos com o transtorno, ocorrendo geralmente em objetos que carregam o odor do responsável, como camas e roupas, sempre na ausência deste, o que ajuda a diferenciar esse comportamento do spray territorial (Manteca, 2015). Dantas *et al.* (2009) reforçam que os sinais como eliminação

inadequada e destruição de objetos devem ser observados exclusivamente na ausência do responsável para confirmar o diagnóstico de SAS.

A idade do animal é um fator que pode influenciar significativamente o desenvolvimento de distúrbios comportamentais. Animais geriátricos, por exemplo, apresentam maior predisposição à SAS. Observa-se ainda que, em gatas idosas, a ocorrência da SAS pode ser mais frequente do que em machos, sugerindo possível influência hormonal ou de sexo na manifestação clínica desse distúrbio (De Souza Machado e Sant'Anna, 2017).

A interpretação da linguagem corporal constitui um recurso indispensável na identificação clínica de distúrbios comportamentais em gatos domésticos, incluindo condições como medo, estresse e ansiedade. Postura corporal retraída, orelhas e cauda abaixadas, cabeça baixa e evitação do olhar direto são indicativos de estados emocionais negativos, enquanto gatos relaxados apresentam corpo exposto, cabeça erguida e orelhas voltadas para frente. A correta interpretação desses sinais permite ao clínico diferenciar alterações comportamentais relevantes, contribuindo para o diagnóstico e a escolha da abordagem terapêutica mais adequada (Lucena *et al.*, 2025).

Enquanto o responsável está presente na residência, é possível observar alguns indícios relacionados a este transtorno, como: o olhar fixo ao responsável, a perseguição em busca de contato físico e permanente, podendo até causar estresse ao perder o contato. Outros indícios retratados são a agitação, alterações fisiológicas (tremores, diarreia, vômitos e taquicardia), agressividade, automutilação (lambadura excessiva e morder a cauda), comportamento repetitivo (andar em círculos), sinais de depressão (postura de medo, isolamento, letargia e inapetência) (Sherman e Mills, 2008).

Durante a ausência do responsável, os gatos podem apresentar diferentes alterações comportamentais. Entre os sinais mais frequentemente observados estão a eliminação urinária em locais inadequados da residência e a presença de fezes amolecidas, embora seja importante considerar que essas alterações também podem ter origem patológica. Além disso, é comum o aparecimento de vocalizações intensas e comportamentos destrutivos, muitas vezes associados à tentativa do animal de restabelecer contato com o responsável. Diante disso, torna-se essencial a realização de uma anamnese minuciosa, a fim de excluir causas clínicas e estabelecer um diagnóstico comportamental preciso (Mattioli, 2022).

A SAS é um distúrbio com bom prognóstico de cura, especialmente quando diagnosticada precocemente e tratada de maneira adequada. As abordagens terapêuticas mais utilizadas incluem a terapia comportamental, o enriquecimento ambiental, a administração de

fármacos e o uso de feromônios sintéticos. A escolha do tratamento deve considerar os sinais clínicos apresentados individualmente por cada animal, uma vez que a SAS se manifesta por meio de diferentes sintomas. Assim, o tratamento deve ser personalizado e baseado nas necessidades específicas de cada gato, buscando a melhora global do bem-estar e a redução dos comportamentos indesejados (De Souza Machado e Sant'Anna, 2017).

Também se observa que o ambiente em que o gato vive exerce influência direta sobre seu estado emocional e comportamental, sendo um elemento central no sucesso terapêutico de distúrbios comportamentais. Por serem extremamente sensíveis a alterações no meio em que habitam, felinos submetidos a espaços mal planejados podem manifestar sinais acentuados de estresse e ansiedade. Nesse contexto, o enriquecimento ambiental surge como uma ferramenta indispensável na promoção do equilíbrio físico e mental dos animais, atuando tanto na prevenção quanto no tratamento de alterações comportamentais (Lucena *et al.*, 2025).

Estratégias eficazes incluem a criação de locais para esconderijo e escalada, que favorecem o comportamento exploratório e a sensação de segurança, a instalação de estruturas elevadas e arranhadores, que possibilitam a expressão de comportamentos instintivos e o estímulo à socialização, por meio de interações regulares e positivas com o responsável ou com outros animais. Além disso, brinquedos interativos e dispensadores de alimento que simulam a caça contribuem para manter o gato cognitivamente engajado, prevenindo o tédio e seus efeitos negativos. Garantir que o animal disponha de áreas tranquilas, afastadas de estímulos estressores, também é essencial para a construção de um ambiente emocionalmente estável e seguro (Lucena *et al.*, 2025).

Para Ellis (2009) e Machado e Genaro (2010) é essencial que os objetos utilizados no enriquecimento ambiental sejam altamente interativos, uma vez que esses animais tendem a perder o interesse com facilidade. Brinquedos que se movimentam de forma imprevisível e dispositivos que liberam alimento ao serem manipulados são especialmente recomendados, pois estimulam tanto o instinto de caça quanto o engajamento mental. Ademais, uma medida importante no contexto terapêutico é restringir o acesso do animal aos locais onde ele costuma eliminar de forma inadequada, sendo a cama do responsável um dos pontos mais comuns. Essa intervenção deve ser mantida durante todo o processo de modificação comportamental, contribuindo para o sucesso da terapia.

Além disso, é importante enfatizar que o êxito da terapia comportamental está fortemente associado ao comprometimento do responsável e à forma como ele interpreta os resultados das estratégias de manejo adotadas. Recomendações que demandam menor tempo e

exigem menos esforço ou disciplina por parte do responsável tendem a ser mais efetivamente implementadas. Entre essas medidas, destacam-se a evitação de punições ao animal, a disponibilização de brinquedos e objetos de entretenimento durante a ausência do responsável e o aumento da atividade física do animal, contribuindo para a redução do estresse e a promoção do bem-estar (Takeuchi *et al.*, 2000).

O tratamento farmacológico é indicado tanto para cães quanto para gatos, embora estes possam apresentar maior sensibilidade e tendência à ansiedade, o que pode aumentar a dependência de medicamentos (Lucena *et al.*, 2025). O uso desses fármacos no manejo de comportamentos atípicos pode ser necessário por tempo limitado, geralmente até que a alteração comportamental seja controlada ou o agente estressor eliminado (Silva e Suyenaga, 2019). Entre as principais indicações clínicas para o uso dessas medicações em gatos, destacam-se casos de agressividade entre indivíduos da mesma ou de diferentes espécies, ansiedade, autolimpeza compulsiva, cistite idiopática felina, transtornos obsessivo-compulsivos e borrifação urinária (Lucena *et al.*, 2025).

Antidepressivos tricíclicos como clomipramina, fluoxetina e amitriptilina são os mais utilizados, podendo ser associados a ansiolíticos como o alprazolam em casos mais graves. Muitas vezes, este tratamento farmacológico é feito concomitantemente ao manejo do ambiente em que o animal vive (De Souza Machado e Sant'Anna, 2017). Já para Silva e Suyenaga (2019), os fármacos mais empregados incluem a doxepina (0,5 a 1 mg/kg, uma ou duas vezes ao dia, respeitando o limite máximo de 25 a 50 mg por animal), a imipramina (0,5 a 1 mg/kg, duas vezes ao dia), a clomipramina (0,3 a 0,5 mg/kg, uma vez ao dia) e a amitriptilina (0,5 a 1 mg/kg, uma vez ao dia). No entanto, essa classe não é indicada para o manejo de quadros agudos, pois seus efeitos terapêuticos são graduais e geralmente requerem ao menos 30 dias de administração contínua para alcançar eficácia clínica.

A buspirona (0,5 a 1 mg/kg, duas vezes ao dia) é o único representante da classe das azapironas utilizado e apresenta aplicação em diversos distúrbios comportamentais, incluindo ansiedade de separação. Por não exercer efeitos sedativos, anticonvulsivantes, miorrelaxantes ou hipnóticos, a buspirona tende a apresentar um perfil de segurança mais favorável, sendo os efeitos adversos mais relatados aqueles de natureza leve, como distúrbios gastrointestinais, bradicardia, taquicardia e episódios de nervosismo (Spinosa *et al.*, 2017).

É importante considerar que a administração oral de fármacos por parte dos responsáveis, quando realizada em domicílio, pode interferir negativamente na relação entre responsável e animal, especialmente se o manejo não for conduzido de forma adequada. Em

gatos, essa prática pode representar uma fonte adicional de estresse e ansiedade. Para minimizar tais efeitos, recomenda-se a utilização de reforços positivos imediatamente após a administração do medicamento, como o oferecimento de petiscos palatáveis, requeijão, alimentos úmidos ou pastas comerciais específicas, nos quais o fármaco pode ser ocultado. Além disso, ajustes na dosagem ou mesmo a substituição da medicação podem ser necessários, conforme a resposta clínica do animal (Lucena *et al.*, 2025).

Outra abordagem terapêutica complementar envolve o uso de feromônios sintéticos, como o feromônio facial felino, análogo às substâncias químicas naturais produzidas por glândulas sebáceas. Esses feromônios são percebidos apenas pelos gatos, atuando sobre o sistema vomeronasal e promovendo relaxamento e redução de comportamentos relacionados ao estresse e à ansiedade, como a marcação urinária. Dentre as principais vantagens dessa estratégia estão a ausência de efeitos colaterais e a facilidade de uso, geralmente por meio de difusores elétricos. No entanto, o custo elevado de produtos como o Feliway®, especialmente no contexto brasileiro, pode representar uma limitação ao seu uso contínuo, apesar da eficácia demonstrada em diversos estudos (De Souza Machado e Sant'Anna, 2017).

O autor Masataka (2024) conduziu um estudo experimental que avaliou os efeitos do canabidiol (CBD) sobre a ansiedade de separação em gatos domésticos. Dez animais foram submetidos ao *Secure Base Test* após duas semanas de administração de CBD e, em outro momento, após duas semanas de placebo. Os resultados demonstraram que, sob o efeito do CBD, os gatos passaram mais tempo em proximidade tranquila com seus responsáveis e apresentaram menos comportamentos de evitação ou de contato excessivo em comparação com o grupo placebo. Esses achados indicam que o CBD favoreceu uma resposta comportamental mais estável diante da separação breve, compatível com um efeito ansiolítico. Trata-se do primeiro estudo a apresentar evidências sobre a eficácia do CBD na modulação da ansiedade de separação em felinos domésticos saudáveis.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ansiedade por separação em felinos domésticos é um transtorno ainda subestimado, apesar de sua crescente relevância diante da intensificação do vínculo entre humanos e gatos. Embora historicamente considerados animais independentes, os gatos vêm demonstrando cada vez mais comportamentos de apego, tornando-os vulneráveis ao estresse decorrente da ausência de seus responsáveis.

A escassez de estudos específicos sobre o tema reforça a necessidade de maior investimento científico e clínico na identificação, diagnóstico e manejo dessa síndrome. A adoção de estratégias terapêuticas individualizadas, incluindo enriquecimento ambiental, terapia comportamental e, quando necessário, o uso de fármacos, mostrou-se essencial para o sucesso do tratamento. Além disso, o comprometimento do responsável desempenha um papel central, sendo imprescindível para a efetividade das intervenções propostas.

Assim, compreender a SAS em gatos não é apenas uma questão de comportamento animal, mas um passo fundamental na promoção da saúde e qualidade de vida desses animais de companhia, contribuindo também para o fortalecimento da relação homem-animal e a prevenção do abandono.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bradshaw, J. Normal feline Behaviour: ... and why problem behaviours develop. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 20, n. 5, p. 411-421, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1098612X18771203>.

Carramenha, C. P.; Carregaro, A. B. Estresse e morte súbita em medicina veterinária. **ARS Veterinária**, Jaboticabal, SP, v. 28, n. 2, p. 90-99, 2012. Disponível em: [https://www.bvs-vet.org.br/vetindex/periodicos/ars-veterinaria/28-\(2012\)-2/estresse-e-morte-subita-em-medicina-veterinaria/](https://www.bvs-vet.org.br/vetindex/periodicos/ars-veterinaria/28-(2012)-2/estresse-e-morte-subita-em-medicina-veterinaria/).

Carvalho, P. C. F. B.; Nunes, V. de F. P.; Maldonado, N. A. C. Aspectos do Comportamento felino. **Cadernos Técnicos de Veterinária e Zootecnia**, n. 83, p. 39-48, 2016. Disponível em: <https://www.bvs-vet.org.br/vetindex/periodicos/cadernos-tecnicos-de-veterinaria-e-zootecnia/2016-83/aspectos-do-comportamento-felino/>.

Dantas, L. M.; *et al.* 2009. Epidemiology of domestic cat behavioral and welfare issues: a survey of Brazilian referral animal hospitals in 2009. **International Journal of Applied Research in Veterinary Medicine**, n. 7, p. 130-137. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-8478cr20190147>.

De Souza Machado, D. *et al.* Identification of separation-related problems in domestic cats: A questionnaire survey. **PLoS One**, v. 15, n. 4, p. e0230999, 2020. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0230999>.

De Souza Machado, D.; Sant'anna, A. C. Síndrome de ansiedade por separação em animais de companhia: Uma revisão. **Revista Brasileira de Zootecias**, v. 18, n. 3, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/2596-3325.2017.v18.24682>.

Ellis, S. L. H. Environmental Enrichment: Practical Strategies For Improving Feline Welfare. **Journal Of Feline Medicine And Surgery**, v. 11, n. 11, p. 901-912, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jfms.2009.09.011>.

Ellis, S. L. H.; *et al.* AAFP and ISFM Feline Environmental Needs Guidelines. **Revista de Medicina e Cirurgia Felina**, v.15, n.3, p. 219-230, 2013. Disponível em: [https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1098612X13477537?url\\_ver=Z39.88-2003&rfr\\_id=ori:rid:crossref.org&rfr\\_dat=cr\\_pub%20%200pubmed](https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1098612X13477537?url_ver=Z39.88-2003&rfr_id=ori:rid:crossref.org&rfr_dat=cr_pub%20%200pubmed).

Fragoso, S. Bem-estar dos gatos. In: Faraco, C.B. **Bem-estar dos cães e gatos e medicina comportamental**. 1. ed., São Paulo: APAMVET. 2021. p.51-63.

Gilbert, E. J.; Powell, L.; Siracusa, C. Cats with inflammatory gastrointestinal or dermatological disorders exhibit increased care-soliciting and anxious behaviors. **American Journal of Veterinary Research**, v. 1, p. 1-10, 2025. Disponível em: <https://avmajournals.avma.org/view/journals/ajvr/86/3/ajvr.24.10.0312.xml>.

Lucena, L. M. F.; Dias, A. M. N.; Oshio, L. T. Uso da terapia farmacológica para modulação comportamental de gatos domésticos: Revisão. **Pubvet**, v. 19, n. 05, p. e1774-e1774, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.31533/pubvet.v19n05e1774>.

Machado, J. C.; Genaro, G. Comportamento exploratório em gatos domésticos (*Felis silvestris catus* Linnaeus, 1758): uma revisão. **Archives of Veterinary Science**, v. 15, n. 2, p. 107-117, 2010. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/381c/74c195edaf25089728765d15a6c6f30cf33f.pdf>.

Manteca, X. 2015. **Etología Clínica Veterinaria del Perro y del Gato**. 1ª edição, Ril Editores, Barcelona, p.135-161. Disponível em: <https://abrir.link/mpLkx>.

Masataka, N. Is cannabidiol (CBD) effective to ease separation anxiety?. **Heliyon**, v. 10, n. 3, 2024. Disponível em: [https://www.cell.com/heliyon/fulltext/S2405-8440\(24\)01882-6](https://www.cell.com/heliyon/fulltext/S2405-8440(24)01882-6).

Mattioli, G. **Distúrbios comportamentais em cães e gatos**. 2023. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Medicina Veterinária - Faculdade de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023).

Newbury, S. *et al.* **Guidelines for Standards of Care in Animal Shelters**. The Association of Shelter Veterinarians, USA, 2010. Disponível em: <https://oacu.oir.nih.gov/system/files/media/file/2021-02/shelterguide.pdf>.

Ogata, N. Separation anxiety in dogs: What progress has been made in our understanding of the most common behavioral problems in dogs? **Journal of Veterinary Behavior**, v. 16, p. 28–35, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jveb.2016.02.005>.

Paz, J. E. G. **Fatores relacionados a distúrbios de comportamento em gatos**. 2013. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Medicina Veterinária –

Faculdade de Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/95062>.

Paz, J. E. G.; Machado, G.; Costa, F. V. Fatores relacionados a problemas de comportamento em gatos. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 37, p. 1336-1340, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-736X2017001100023>.

Rindos, D. Symbiosis, Instability, and the Origins and Spread of Agriculture: a New Model, **Current Anthropology**, n. 21, p. 51-72 1984, 1980. Disponível em: <https://doi.org/10.1086/202569>.

Rodan, I. **Compreensão e Manuseio Amistoso dos Gatos**. In: Little, S.E. O Gato Medicina Interna, 1ª ed. Rio de Janeiro: Roca, p. 24-50, 2016.

Santos, I. **Noções básicas do comportamento do cão**. In Montenegro, L.; Mota, R. Cão Sem Segredos, Portugal: Chiado Editora, 2011. Disponível em: <https://static.fnac-static.com/multimedia/PT/pdf/9789899028364.pdf>.

Santos, S. F.; Da Silva, V. B. Aspectos De Bem-Estar Em Felinos. **Ciência Animal**, v. 34, n. 3, p. 75-91, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/cienciaanimal/article/view/14216>.

Schwartz, S. Separation anxiety syndrome in cats: 136 cases (1991–2000). **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 220, n. 7, p. 1028-1033, 2002. Disponível em: <https://avmajournals.avma.org/view/journals/javma/220/7/javma.2002.220.1028.xml>.

Serpell, J. A. Domestication and history of the cat. **The domestic cat: The biology of its behaviour**, v. 2, p. 180-192, 2000. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=4avCAQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA83&dq=Málek,1993+cat&ots=RdtUsJVt0&sig=wQtNoogqFuN8muYpost23WDcLaQ#v=onepage&q=Málek%2C1993%20cat&f=false>

Sherman B. L.; Mills D. S. Canine anxieties and phobias: an update on separation anxiety and noise aversions. **Vet Clin North Am Small Anim Pract**, v. 38, Issue 5, p. 1081-1106, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.cvsm.2008.04.012>.

Silva, R. P.; Suyenaga, E. S. Estresse e ansiedade em gatos domésticos: Tratamento farmacológico e etnoveterinário – Uma revisão. **Sciencen And Animal Health**, n. 7, p. 12–33, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/sah.v7i1.14789>.

Spinosa, H. S. S., Górnaiak, S. L.; Bernardi, M. M. Farmacologia aplicada à medicina veterinária. **Koogan Guanabara**, 2017. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002842677>.

Takeuchi, Y.; *et al.* Evaluation of treatments for separation anxiety in dogs. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 217, n. 3, p. 342-345, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.2460/javma.2000.217.342>.